DE “MÃOS VAZIAS” A “MÃOS COM LUVAS”: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA SOBRE O KARATE E OS JOGOS OLÍMPICOS

Resumo - Quando uma perspectiva sociológica é destinada a organizações esportivas em sentido geral é possível encontrar, em um enredo complexo, disputas de poder que condicionam o futuro de seus agentes (atletas, técnicos, gestores, presidentes dentre outros). Visando investigar como essas disputas de poder se comportam e estabelecem conexões historicamente, utilizamos documentos oficiais e fontes secundárias para discutir, com Pierre Bourdieu e outros pensadores, a apresentação de como se constitui o campo esportivo onde o Karate, como esporte, se enquadra com os fatores condicionantes para sua entrada no quadro de modalidades oficiais do Comitê Olímpico Internacional. Como resultado da pesquisa, observou-se que a entrada do Karate nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 foi caracterizada por várias mudanças estruturais para se adequar aos preceitos morais, éticos e de segurança do Movimento Olímpico Moderno.

Palavras-chave: Karate; esporte; Jogos Olímpicos; Movimento Olímpico; sociologia do esporte.

FROM “EMPTY HANDS” TO “HANDS WITH GLOVES”: A SOCIOLOGICAL ANALYSIS ON KARATE AND OLYMPIC GAMES

Abstract – When a sociological perspective is aimed at sports organizations in a general sense, it is possible to find, in a complex scenario, power disputes that condition the future of their agents (athletes, coaches, managers, presidents, among others). Aiming to investigate how these power struggles behave and establish connections historically, we use official documents and secondary sources to discuss, with Pierre Bourdieu and other thinkers, the presentation of how the sport field is built where Karate, as a sport, fits with the conditioning factors for its entry into the official modalities of the International Olympic Committee. As a result of the research, it was noted that the entry of Karate into the Tokyo 2020 Olympic Games was characterized by various structural changes to suit the moral, ethical and safety precepts of the Modern Olympic Movement.

Keywords: Karate; sport; Olympic Games; Olympic Movement; sociology of sport.

DE “MANOS VACÍAS” A “MANOS CON GUANTES”: UN ANÁLISIS SOCIOLÓGICO SOBRE EL KARATE Y LOS JUEGOS OLÍMPICOS

Resumen - Cuando una perspectiva sociológica es destinada a organizaciones deportivas en sentido general es posible encontrar, en un enredo complejo, disputas de poder que condicionan el futuro de sus agentes (atletas, técnicos, gestores, presidentes entre otros). Con el fin de investigar cómo estas disputas de poder se comportan y establecen conexiones históricamente, utilizamos documentos oficiales y fuentes secundarias para discutir, con Pierre Bourdieu y otros pensadores, la presentación de cómo se constituye el campo deportivo donde el Karate, como deporte, se enmarca con los factores condicionantes para su entrada en el marco de modalidades oficiales del Comité Olímpico Internacional. Como resultado de la investigación, se observó que la entrada del Karate en los Juegos Olímpicos de Tokio 2020 se caracterizó por varios cambios estructurales para adecuarse a los preceptos morales, éticos y de seguridad del Movimiento Olímpico Moderno.

Palabras-clave: Karate; deporte; Juegos Olímpicos; Movimiento Olímpico; sociología del deporte.

Marcelo Alberto de Oliveira

Universidade de São Paulo

marcelo.alberto@usp.br

Tiago Oviedo Frosi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ricardo João Sonoda Nunes

Universidade Federal do Paraná

Thiago Farias da Fonseca Pimenta

Universidade Positivo

UniBrasil - Centro Universitário

Carlos Alberto Bueno dos Reis Júnior

Universidade Federal do Paraná

Narayana Astra van Amstel

Universidade Federal do Paraná

<http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v2n1.id40>

Introdução

A História das artes marciais, e em especial a do *Karate*^{*} ou *Karate-Dō*, sempre foi envolta em certo mistério. Por um lado, isso decorre da falta de documentos e outras evidências históricas que poderiam ajudar a reconstruir o passado dessa prática. Por outro lado, é ocasionado por um discurso mágico[†], propositalmente divulgado por algumas pessoas que ensinam e administram as artes marciais. Desde a publicação de livros de referência sobre a história e prática do *Karate-Dō* como *The Bible of Karate: Bubushi*¹, e *Ancient Okinawan Martial Arts*^{2,3}, de Patrick McCarthy, *Estudio Técnico Comparado de los Katas de Karate*⁴, de Hermenegildo Camps e Santiago Cerezo, além de artigos como *Constructing a Martial Tradition: Rethinking a Popular History of Karate-Dou*⁵, de Kevin Tan, bem como os materiais disponibilizados pelo Departamento de Estudos Históricos da Prefeitura de Okinawa⁶ em sua página na web, a história dessa prática cultural, o *Karate-Dō*, vem sendo aos poucos mais conhecida e investigada[‡].

Mesmo assim, na maioria dos casos, os estudos sobre essa luta, arte marcial ou esporte de combate⁷, estão voltados para os grandes personagens e episódios oficiais da dita história do “Caminho das Mãos Vazias”, de forma que são relegados como trabalhos locais. Ou ainda podem ser considerados tramas globais de maior duração, as quais acabam por compor um segundo plano. Tendo em vista tal lacuna, torna-se importante a realização de investigações para “desvelar” as outras histórias do *Karate-Dō* que são fundamentais para compreender como esta prática se manifesta e é absorvida pelos diferentes locais e culturas.

Quando se dirige um olhar para fora do círculo do *Karate-Dō*, por vezes, a situação torna-se ainda mais complexa e difícil de resolver. Apesar de algumas artes marciais criadas entre o final do século XIX e ao longo do XX, como o *Aikidō*, apresentarem as suas trajetórias históricas[§] relativamente bem documentadas^{**}, há uma

* Optamos por usar a palavra em inglês Karate, bem como é usada pela Confederação Brasileira de Karate (CBK).

† O imaginário exótico das artes marciais que foi reproduzido, sobretudo durante a disseminação e divulgação – segunda metade do século XX –, é orquestrada principalmente pela produção cinematográfica. Para maiores informações, consulte Ferreira, Nunes e Marchi⁵⁶.

‡ Vale lembrar que em idioma japonês há densos estudos sobre a história do “Caminho das Mãos Vazias” em Okinawa, material de difícil acesso a maioria dos ocidentais devido à barreira linguística.

§ Exemplos dessas trajetórias do *Aikido* são encontrados nos trabalhos de Guttmann e Thompson³³ e Stevens²⁵.

escassez de registros sobre os jogos políticos e de poder que deram origem a diferentes ramificações dessas artes. Exemplo disso, pode-se notar a discrepância existente entre os discursos de facções como o *Aikidō*, da *Aikikai*^{††} ; o *Aikidō*, da Yoseikan de Shioda Gozo sensei^{††} ; o Tomiki Aikidō^{§§} e o *Aikidō*, da “Ki Society”^{***8-11}.

O que a revisão mais geral sobre a história das artes marciais, ou artes guerreiras (ou ainda os Caminhos do Guerreiro)^{†††}, parece mostrar é que não é viável simplificar essa vasta diversidade que é própria do ser humano. Seria talvez, mais adequado, partirmos da ideia de campo de Pierre Bourdieu^{†††12}. Para esse sociólogo francês, o campo seria uma estrutura social composta de agentes dominantes e dominados, disputando poder por meio do acúmulo de capitais, os quais, por sua vez, legitimam as formas de dominação. A incorporação dessas disputas, também chamada de *habitus*, seria um elemento condicionante e inerente ao próprio campo, estruturando-o e ao mesmo tempo sendo estruturado por ele. Para Bourdieu, existiria uma vasta gama de campos, tais como o político, artístico, acadêmico-científico, entre outros. Um deles, considerado pelo sociólogo como alvo de pouca atenção da sociologia, seria o campo esportivo.

Nesse sentido, procurando esclarecer o conceito de campo emprestado da Sociologia, é preciso primeiro pensar que o funcionamento da sociedade “baseia-se na vontade de distinção dos indivíduos e dos grupos, isto é, na vontade de possuir uma identidade social própria, que permita existir socialmente (p. 103)”¹³. É essa distinção que teria potencial de distribuir as posições (mantida na forma de cargos, títulos,

^{**} Para mais detalhes, indicam-se estudos de Guttman e Thompson^{33,57}.

^{††} Liderado pelo neto de Ueshiba Morihei e voltado para uma prática onde há menos contato e mais ênfase a aplicação dessa arte enquanto instrumento do bem-estar humano.

^{††} Entende-se *sensei* como o mestre (aquele que ensina) – professor.

^{§§} Trata-se de uma vertente esportiva dessa arte, e que já esteve em competições esportivas de grande porte como o *World Games* e o *Combat Games*, a “olimpíada das artes marciais”, ambas organizadas por parcerias entre o COI e as promotoras desses eventos (Sport Accord, etc).

^{***} É voltado para assuntos do misticismo e espiritualidade, com fortes influências da *yoga* japonesa ou *Shinshin-toistu-Dō*.

^{†††} O Bushido – caminho do guerreiro – “é um registro histórico da criação de um sistema ético instrumental, criado artificialmente em um processo nacionalista no qual reivindica figuras do passado mitológico. Em um contexto específico, a ética dos samurais influenciaria a liberdade do indivíduo, com o povo aceitando uma tradição inventada como verdadeiramente constituinte do seu passado histórico (p. 123-124)”⁵⁸.

^{†††} Tal como apresentada em “Como é possível ser esportivo?”, texto integrante do livro Bourdieu P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

certificados e diplomas) na sociedade. O critério para a distribuição dessas distinções está ligado ao tipo e à quantidade de capital – não só econômico, mas também simbólico, cultural e social – possuído pelos agentes ou grupos¹⁴. Levando em consideração tais características, torna-se relevante questionar as características sociais que permeiam o subcampo do *Karate* dentro dos campos das artes marciais e do esporte.

Características do *Karate-Dō*

Para caracterizar o *Karate-Dō*, é preciso lembrar que Okinawa, atualmente uma prefeitura japonesa, constituía um reino independente e vassalo da China entre os séculos XV ao XIX, o período em que surgia o *Karate- Dō*¹⁵. Nos primórdios, essa disciplina chamava-se *Te/Ti* (手) (mão, ou mão de Okinawa), e veio a denominar-se *Tōde/Toudi* (唐手) (em *Uchināguchi*) ou *Karate* (唐手) (em japonês) após os contatos com as artes marciais chinesas, em especial os diversos estilos de *Quán Fā*. O *Karate*, até o final do século XIX, significava “Mãos dos Tang/Chinesa” e veio a ser chamado *Karate-Dō* (空手道) no início da década de 1920, quando um grupo de mestres de Okinawa reuniu-se para votar a adoção de um novo nome, e o mestre Gichin Funakoshi (1868-1957) introduziu a disciplina no Japão continental, alterando seus objetivos e sua metodologia de ensino¹⁶.

Passados de geração em geração, os *Kata*^{§§§} foram a principal forma de manutenção das tradições e técnicas do *Karate-Dō*. A relação hierárquica do professor (*sensei*) e aluno (*deshi*) era a base do ensino das artes marciais em Okinawa durante o Período Feudal japonês; cabia ao professor transmitir ao pupilo as técnicas e estratégias através dos exercícios formais, ou *Kata*. Na sequência, surgiram outras formas de treinamento, chamadas de Fundamentos (*Kihon*) e Luta (*Kumite*), para complementar a metodologia tradicional de Okinawa, que era feita através dos *Kata* com armas (o que chama-se hoje de *Kobu-Dō*), dos *Kata* das técnicas desarmadas e do *Tanren-ho* (ou *Hojō Undo*, exercícios complementares de enrijecimento corporal). Em algumas escolas na contemporaneidade se praticam múltiplas e diversificadas formas de preparação física e meditação, oriundos de tradições ancestrais.

§§§ São Exercícios Formais ou Formas, isto é, (形 ou 型), sequências padronizadas de movimentos. Constituem-se de sequências pré-determinadas de técnicas (rotinas de ensino) que simulam um combate.

Por outro lado, o *Karate*, que originalmente tinha o objetivo de desenvolvimento de técnicas eficazes para o combate real (pois floresceu e foi desenvolvido entre guerreiros e piratas de Okinawa) foi alterando-se fortemente desde sua disseminação para o restante do mundo. E modifica-se ainda mais nas últimas três décadas, quando condicionada aos valores olímpicos – tal como proposto por Pierre de Coubertin (1863-1937) – passa a seguir as exigências do Comitê Olímpico Internacional (COI), visando fazer parte, como modalidade esportiva, do programa dos Jogos Olímpicos (JO). Dessa maneira, percebe-se uma descaracterização e afastamento dos objetivos originais.

Nesse contexto, num esforço para se compreender esse processo, os estudos de Marchi-Júnior¹⁷ permitem uma análise mais aprofundada para a presente pesquisa. Ao partir do pressuposto que os indivíduos vivem em um universo social, no qual são estabelecidas relações simbólicas de manutenção e de reconhecimento das distâncias sociais, as quais são determinadas pela concorrência e apropriação de bens mediante o acúmulo das formas de capital econômico, social e cultural, constata-se que os agentes – inicialmente Masatoshi Nakayama (1913-1987)^{****}, seus colegas e alunos – buscaram fortalecer suas ligações (por meio de trocas materiais e simbólicas) multiplicando-as pelo Japão – em escolas, universidades, forças armadas, dentre outras – e posteriormente em outros países. Não obstante, entende-se que o volume do capital social de um agente individual depende da extensão da rede de relações que este seja capaz de mobilizar, bem como de seu volume de capital (econômico, cultural ou simbólico). Dessa forma, os pares/agentes – praticantes, gestores, promotores dentre outros – se reconhecem e se afirmam, fortalecendo seu grupo¹⁷. Nesse pensamento, podemos alicerçar o *Karate* em um subcampo esportivo.

Em seu sentido histórico, o conceito de relações simbólicas de manutenção e de reconhecimento das distâncias sociais¹⁷ pode ser notado no processo de desenvolvimento do *Karate*, sobretudo quando foi reconhecido pelas autoridades do governo japonês. O processo que é conhecido como de massificação¹⁸, foi constituído por três etapas: o primeiro ocorreu quando do reconhecimento do Ministério da Educação do Japão e sua introdução em escolas públicas de Okinawa pelo mestre Anko

**** Nakayama (1913-1987) é um dos principais protagonistas em incentivar o *Karate* como esporte – foi aluno de Gichin Funakoshi (1868-1957), considerado o pai do *Karate* moderno.

Itosu (1832-1916), em 1902, na sequência, com a apresentação do mestre Funakoshi no Japão Continental; e o terceiro após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando intensificam-se aspectos esportivos da prática.

Processo histórico do Karate: Niponização e esportivização

Percebe-se que o *Karate* acaba sendo mais que do uma simples modalidade de combate – extravasa fronteiras como um fenômeno interdisciplinar, imbuído de sentidos e significados que bebem de fontes culturais, religiosas, de origens bélicas e da busca de identidade. Nesse pensamento, é necessário retornar ao passado trazendo alguns acontecimentos e reflexões que podem orientar para a compreensão de como o *Karate* conseguiu ter a visibilidade que tem hoje. A trajetória do *Karate* até os JO de 2016¹⁹, no Rio de Janeiro – aonde acabou sendo escolhido como modalidade do programa dos JO de Tóquio 2020 – nos demonstra seu esforço para sua consolidação enquanto fenômeno esportivizado, mercantilizado e espetacularizado¹⁷.

Da mesma forma, sua descontinuidade recentemente anunciada para os JO de 2024 em Paris^{††††}, mostram como o próprio evento torna-se cada vez mais espetacularizado e dependente do mercado esportivo. Observamos isso pelo fato inédito de uma modalidade, que é o caso do *Karate*, ser incluída em uma edição e excluída já na seguinte devido aos novos critérios de escolha do programa. Programa que agora é mais fluído, dando ao país sede o direito de incluir ou excluir várias modalidades que não são populares naquela nação. Com isso, possibilita maior adesão do público e lucratividade dos organizadores e patrocinadores.

Voltando para a trajetória histórica do *Karate*. Gichin Funakoshi (1868-1957) é apontado como um dos principais protagonistas iniciais na promoção e disseminação do *Karate* em várias instituições educacionais do arquipélago japonês^{18,20-30}. Foram inúmeros os esforços de Funakoshi para que o *Karate* tivesse a visibilidade e valorização que almejava – por exemplo, sua viagem, de sua terra natal, Okinawa, para Tóquio foi decisiva para que o *Karate* se desenvolvesse em escolas, universidades e forças armadas durante a primeira metade do século XX; sua condução de certa maneira foi orientada por seus valores – acreditava em um *Karate* que trouxesse, sobretudo para

†††† Para saber mais sobre a suposta retirada do *Karate* dos Jogos Olímpicos, consultar: <<https://globoesporte.globo.com/karate/noticia/atletas-e-confederacao-de-karate-lamentam-provavel-saida-do-programa-olimpico-decepcao.ghtml>>. Acesso em: 07 mai. 2019.

os praticantes, valores morais, éticos, humanitários e educacionais – elaborado como um movimento de “pedagogização” da arte marcial¹⁸.

No Japão Continental o *Karate* precisou sofrer várias modificações (mudanças terminológicas, aproximações com a cultura japonesa e distanciamentos para com a cultura chinesa/*oquinauense/uchinanchu*) para poder ser aceito perante as autoridades locais – principalmente para compor o quadro das artes marciais japonesas (*Judô*, *Kendô*, *Iaido*, *Aikidô*, dentre outras) orientadas pelos valores do *Budo* da *Dai Nippon Butokukai* – esta organização acabou também por contribuir com a integração de *Budo* no currículo escolar como assunto obrigatório. Nesse contexto, Funakoshi modificou terminologias do *Karate* de Okinawa – com seus significados chineses – adaptando-os para o japonês e reorientando-os para os propósitos formadores dos preceitos do *Budo*. Essas “adaptações”, bem como o movimento de esportivização – estudado por Elias³¹ e posteriormente por Dunning³² – colaboraram para que algumas artes marciais japonesas (*Karate-Dō*, *Judô* e *Kendô*) fossem consideradas por alguns autores como “tradições inventadas”^{18,29,30,33-35}. Na contemporaneidade, devido às séries de acontecimentos históricos (exclusões, inclusões, adaptações técnicas e teóricas) que dizem respeito às artes marciais japonesas, sobretudo aquelas inclinadas para o esporte, viu-se a necessidade também de uma “releitura” acerca do *Budo*³⁶.

O *Karate-Dō* foi muito influenciado pelo espírito samurai, um fenômeno tipicamente japonês, pois, como dito anteriormente, nasce a partir do ingresso no sistema *Butokukai*. Portanto, é uma arte que pretende estar ligada aos mesmos preceitos de outras formas de *Budō* japonês, onde o principal objetivo é construir um indivíduo útil para a sociedade, remetendo-nos à produção de corpos dóceis, conforme estudo de Michel Foucault (p. 305)³⁷.

O contexto histórico mencionado anteriormente, primeira metade do século XX, estruturava-se na busca de identidade japonesa, bem como um avanço imperialista agressivo^{††††}, conquistando e anexando países (China, Coreia, Filipinas, dentre outros),

†††† O imperialismo japonês sobre o *slogan Fukoku Kyohei* (enriquecer o país, fortalecer o exército) teve seu apogeu configurado com uma aliança com os países do Eixo (Alemanha e Itália). Alguns historiadores definem o auge do império japonês em 1942, sendo caracterizado pela conquista de grande parte da região do Pacífico (Filipinas, Malásia, Ilhas do Pacífico) e do leste asiático (Manchúria, Coreia, Taiwan, parte do Sul da China e Ilha Sacalina). Tal processo resultou na criação de vários campos de

entonado com a ascensão do nacionalismo. Segundo o historiador britânico Eric Hobsbawm³⁸, o mundo conheceria a Primeira Guerra Mundial (1914-1939), depois passaria por uma acentuada crise econômica mundial levando as forças políticas do militarismo e da extrema direita – Alemanha e Japão – a subir no poder. Em 1914^{§§§§} o Japão já se encontrava entre as grandes potências da época – Grã-Bretanha, França, Rússia, Áustria-Hungria, Alemanha e Estados Unidos³⁹.

Por outro lado, esse período – primeira metade do século XX – é marcado pela projeção inicial do Movimento Olímpico. Tal movimento foi capitaneado por Pierre de Freddy, o Barão de Coubertin, que teve influências do cristianismo muscular oriundo das escolas inglesas⁴⁰, bem como a visão romantizada do esporte praticado na Grécia Antiga. Assim, em 1896, os JO de Atenas serviram como uma tentativa inicial de imprimir a marca do amadorismo^{****} e da neutralidade política às competições da Era Moderna. Na sequência, os JO de Paris, em 1900, constataram-se o nacionalismo exacerbado de diversos países da época. A rivalidade era evidente durante a competição, com muita tensão entre os atletas e os torcedores. Por exemplo, entre franceses e alemães, houve o confronto ocorrido entre essas duas nações e, aconteceu em, 1870 e 1871, conhecido como Guerra Franco-Prussiana^{41,42}.

Por outro lado, na fase de conflito observamos o surgimento da tensão entre os dois blocos pós-guerra. De um lado, estão os capitalistas, capitaneado pelos Estados Unidos (EUA), e do outro, os socialistas com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). E, por fim, a fase do profissionalismo caracterizou-se pelo pesado investimento na infraestrutura dos JO, bem como preocupação com a acomodação dos milhares de atletas participantes do evento⁴³.

Nesse mesmo período, o *Budo* surge como uma primeira possibilidade de o Japão participar desse conflito simbólico encenado nos JO. Pouco depois da Segunda Guerra Mundial, em 1964, o Judô é incluído nos JO realizados em Tóquio. Assim como outros países, ao inserir um esporte de origem nipônica no evento, a equipe japonesa fez

concentração de trabalho forçado com prisioneiros de guerra espalhados pela Ásia. Muitos casos de crimes de guerra como estupros foram documentados⁵⁹.

§§§§ O Período *Taishō* (cujo nome significa “grande retidão”) sucedeu o *Meiji* em 1912, até 1926. Foi um período turbulento, correspondendo a importantes mudanças no contexto interno e na consolidação da política de expansão iniciada no período anterior³⁹.

**** O amadorismo visava a estabelecer uma fronteira social entre aristocratas e burgueses, de um lado, e as classes subalternas, de outro. Significativamente, utilizava-se a distinção “cavalheiros” e “jogadores” para os praticantes das modalidades lúdicas⁴¹.

esforços estrondosos para demonstrar sua superioridade na modalidade. Rivalizando então de forma mais velada com os adversários, uma de suas características marcantes. Desde então, o esporte é usado como ferramenta de educação de jovens japoneses para desenvolver a liderança e no futuro tornarem-se políticos e empresários⁴⁴.

A teoria dos campos de Pierre Bourdieu aplicada ao *Karate*: Breves apontamentos

Dentro de um determinado meio social, cada agente traz associado a si um *habitus* que pode ser entendido como a sociedade escrita no corpo, no indivíduo biológico⁴⁵. É o *habitus* que confere ao agente uma posição, dando-lhe características específicas que o diferem dos outros^{17,45,47} dentro de um campo social.

Falar de posição é, nesse sentido, falar de um certo tipo de quantidade de capital e falar de um *habitus* situado em um campo, dentro da sociedade. Essas noções ajudam a entender o processo de socialização, tanto em um nível micro quanto em um espectro mais global. Pensemos em um exemplo comum dentro do *Karate-Dō*: o que faz alguém se tornar sensei (ou com mais rigor um *shidoin*^{†††††})? A resposta do senso comum (ainda mais se levando em conta a realidade brasileira) seria obter uma faixa preta, tendo obtido reconhecimento de outros mestres por dominar as técnicas referentes aquela prática de combate. Tudo isso realmente compõe parte do processo, mas dentro de um olhar sociológico o que isso pode representar?

Primeiro é preciso salientar que se trata de um exemplo particular de socialização. Tornar-se sensei é ingressar aos poucos em um campo legítimo dentro da sociedade e incorporar de modo paulatino as disposições que são impostas por esse campo aos agentes que almejam fazer parte dele. O que legitima o direito de entrar num campo é a posse de uma configuração particular de propriedades¹⁴. O aspirante vai se capitalizando por meio da apropriação de capital cultural específico (no caso em análise, o conhecimento do *Karate-Dō* e de suas práticas) e também, de seu capital simbólico (aura de poder e respeitabilidade do sensei, atitudes distintas, bens representativos, locais e eventos cuja frequência se torna obrigatória etc.). Aqui há um ponto fundamental: existe uma seleção de material, ou seja, os agentes do campo definem o que é lícito capitalizar e também o que não é.

^{†††††} Instrutor qualificado (指導員), que se formou em um curso oficial de entidade reconhecida.

Dentro desse mesmo campo também ocorrem as distinções internas. Assim, ocupam as posições mais elevadas os grandes mestres, ou seja, aqueles que possuem graduações iguais ou superiores ao 7º Dan e que ocupam cargos de comando em Federações ou Associações de maior prestígio, em oposição aos professores pobres, atuantes em pequenas academias, salas compartilhadas por atividades distintas do *Karate* ou mesmo em ginásios de colégio, ministrando aulas como atividades extraclasses. Todo um universo de posições intermediárias figura entre esses extremos: examinadores oficiais, árbitros nacionais, técnicos de seleções, conservadores da metodologia tradicional dentre outros.

Pluralidade da arte marcial: Jogos de poder

O princípio gerador de distinções citado, ou seja, a distribuição das formas de poder, se faz presente no campo esportivo do *Karate* – como em qualquer outro – resguardando aspectos de força e luta que lhe são inerentes. A dinâmica do campo pode ser aproximada, guardadas as devidas proporções, a de um jogo¹⁴. Nesse sentido, são usadas diversas estratégias dentro do jogo, em geral regidas por um acordo implícito entre os jogadores. Geralmente, os que detêm o poder podem vir a utilizar de estratégias de conservação, unindo forças e capitais para manter sua hegemonia dentro do campo. Os que almejam o poder buscam desenvolver estratégias de subversão do ponto de vista dominante para eles próprios poderem impor seu ponto de vista¹⁴.

Outra maneira de compreender a noção de campo seria efetuar uma comparação com o mercado, na medida em que seus processos internos possam ser compreendidos como transações de capital simbólico. Mantendo a semelhança com o campo econômico, nos demais campos os agentes buscam maximizar seus ganhos simbólicos, como a obtenção de poder e de autoridade dentro do campo específico. O campo do esporte e das artes marciais também registra as disputas internas semelhantes aos demais campos, emergindo por meio da sua estruturação em entidades onde os agentes podem se posicionar. Há também a comercialização de produtos específicos, que confere alguma representatividade¹². Algumas vezes as disputas entre aqueles que

desejam ocupar posições de maior prestígio no campo do *Karate-Dō* ocorrem de maneira velada, mas na maioria dos casos não⁺⁺⁺⁺.

Nessa direção entendemos que não existe, como mencionado no início deste texto, apenas um *Aikidō*, mas existem “*Aikidōs*”. Do mesmo modo não podemos pensar num *Karate-Dō* único, o *Karate* mais correto ou o *Karate* verdadeiro, e sim em “*Karate-Dōs*”, cada um expressando práticas, representações, o imaginário da mentalidade da sua época (*zeitgeist*). É exatamente por isso que se pode cogitar, como ensinado pela História Cultural⁴⁸, que não será encontrado um conceito fechado e absoluto, mas sim há reconstrução, gradualmente, de uma nova versão da história do *Karate-Dō*. Por enquanto, pode-se sintetizar a origem do *Karate-Dō* indicando que o Caminho das Mãos Vazias é uma disciplina de desenvolvimento pessoal operado por práticas de luta.

Discussão

O final do século XX implicou grandes mudanças que acarretaram o que se conhece hoje como *Karate* tal como um esporte de combate contemporâneo⁴⁹⁻⁵¹. Foi um período caracterizado, inicialmente, pela elaboração de um modelo de competição, seguido do reconhecimento governamental japonês; introdução e desenvolvimento em vários países; surgimento dos primeiros campeonatos nacionais e internacionais; reconhecimento de organizações; releituras de regras e normas de competição; implementação de acessórios e equipamentos pensados na proteção da integridade física de atletas; aumento do número de viagens de instrutores para vários países, objetivando atualizar seus filiados por meio de cursos e palestras para atletas e árbitros. Nesse contexto, o *Karate* afirma-se enquanto modalidade esportiva de alto rendimento, pois:

Exerce uma violência simbólica sobre seus espectadores, praticantes e nos praticantes de outras artes marciais, uma vez que a aquisição do status de esporte nacional e de esporte olímpico é legitimado pelos mecanismos legais que amparam a existência de um campo esportivo, por sua vez, de um subcampo do esporte (p. 168)⁵².

⁺⁺⁺⁺ Apresentamos um exemplo hipotético para ilustrar: membros de uma ou outra facção, federação ou escola de estilo podem atacar-se mutuamente e tentam supervalorizar os seus saberes, suas técnicas e os seus ritos, procurando obter maior capital simbólico em relação aos outros grupos. O mesmo pode ocorrer na maioria das artes marciais, sejam elas chinesas (o *Shāolín Quán*, o *Hung Gar Kuen*, o *Tàijí Quán* ou o *Bā Guà Zhang*), sejam elas japonesas (*Jūdō*, o *Karate-Dō* ou o *Aikidō*).

Paralelo a isso, o mundo estava passando por diversas mudanças até o final do século XX. No Japão, por exemplo, o pós-guerra foi significativamente importante para seu desenvolvimento econômico e tecnológico³⁹. “O breve século XX fora de guerras mundiais, quentes e frias, feitas por potências e seus aliados em cenários de destruição de massa cada vez mais apocalípticos, culminando no holocausto nuclear das superpotências, felizmente evitado (p. 538)”³⁸. Chegado ao fim do século XX, o mundo via o esfacelamento da URSS, em 1991, bem como o auge do incentivo migratório dos *decasségus*^{§§§§§} brasileiros no Japão.

A mídia também começou a se mostrar mais interessada por esse esporte quando comparada a divulgação da modalidade esportiva nos primórdios das décadas de 1950, 1960 e 1970 – período das primeiras competições de *Karate*. Desse modo, há na atualidade uma significativa divulgação dessa modalidade – entendida como processo de massificação. Assim, matérias foram ao ar, bem como começaram a anunciar e cobrir finais de campeonatos nacionais apresentados por canais de grande visibilidade – por exemplo, pelo canal Sport TV. Evidenciaram-se movimentações com relação ao suporte financeiro e promocional projetado pelos meios de comunicação (TV, rádio, jornais, revistas, páginas de redes sociais, dentre outros) – movimento de incursão da mídia e suas interpenetrações. Reforçados com o apoio de revistas especializadas em artes marciais, agências de aviação e lojas de acessórios e vestuário esportivo homologadas (venda de uniformes, luvas, caneleiras dentre outros), ocorre a expansão e a afirmação necessárias para que o *Karate* se torne um esporte olímpico – fenômeno compreendido como de espetacularização do esporte¹⁷ (17).

Seria esse evento uma espécie de nova etapa do *Karate*, com novas maneiras de encarar essa prática? O que esperar desses novos caminhos pelos quais o *Karate* tem percorrido? Quais seriam os efeitos da inclusão do *Karate* nas Olimpíadas? Como foi possível que a prática de Okinawa chegasse ao que é considerado o auge do esporte na modernidade? [...] Como uma prática autóctone de uma pequena ilha ao sul do Japão tornou-se uma modalidade esportiva, agora olímpica? Além disso, como o corpo também se transformou e

^{§§§§§} Expressão japonesa, cuja tradução literal é “sair do lar para trabalhar” (*dekasegi* – *deru*=sair; *kasegu*=ganhar dinheiro, lucrar), ganhou o neologismo português “*decasségui*”. Tal palavra relaciona os brasileiros descendentes de japoneses que nas décadas de 1980 e 1990 foram para o Japão enriquecer, trabalhando nas grandes fábricas, para depois voltar para o Brasil⁶⁰.

continua se transformando com a modernização e as contínuas reconfigurações do *Karate*? (p. 45)¹⁸.

Essas indagações passaram a fazer parte do subcampo do *Karate*, sobretudo devido à visibilidade que alcançou, o auge ocorreu, em de agosto de 2016, quando fora escolhido como modalidade olímpica. Percebe-se, ao investigar o processo histórico do *Karate*, fatores condicionantes para sua chegada aos JO. Nesse sentido, a modalidade esportiva precisou se adequar as exigências definidas pelo COI. Segundo Jayme Sandall⁵³, o *Karate* deixou de ser uma luta, para virar um esporte – exigências que vão de encontro a integridade física do atleta. Por exemplo, o uso de protetores de tórax, luvas bem acolchoadas e caneleiras servem para evitar qualquer tipo de acidente. Não há mais como nocautear batendo no corpo do adversário, e os golpes fortes no rosto são proibidos. Por outro lado, existem entidades que não compactuam com as exigências do COI.

O *Karate Kyokushin*, JKA [*Japan Karate Association*] e o Tradicional, são considerados muito violentos, e sempre serão, para os padrões do COI. O uso de luvas pequenas, e a ausência de protetores de tórax e caneleiras, além da exigência do *kime* (força total nos golpes) e do sistema de pontuação de dois *wazari* ou um *ipon* (semelhante ao Judo), faz com que os golpes sejam mais fortes, e as consequências mais sérias. Comumente vemos nocautes nas lutas da JKA e do Tradicional. Seja por golpes devastadores no corpo, seja por golpes válidos no rosto (s/p)⁵³. (Grifo nosso).

Certamente indiferentes à entidade organizacional da modalidade, todas convergem para um mesmo elemento – que seria a técnica do *Karate* – condicionada a valores morais e éticos particulares. Quando se investiga o passado desse esporte – germinada por Masatoshi Nakayama (1913-1987) – percebem-se rupturas que foram decisivas para o enquadramento do *Karate* como modalidade olímpica atual. Os efeitos da ocidentalização, sobretudo após a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial, com a implementação de conceitos esportivos e científicos, foi determinante para obscurecer os objetivos originais do *Karate* (aspectos bélicos). Por conseguinte, a incorporação de noções ocidentalizadas contribuiu para que essa modalidade tivesse seus objetivos adequados a uma concepção dualista de homem, em que a mente deve controlar o corpo³⁰.

Considerações finais

Conforme o tempo foi passando, o subcampo do *Karate* foi sendo desenhado. Ele se constituiu enquanto área dentro do campo esportivo, e seu público se multiplicou e ficará ainda mais exigente. Nesse processo, o esporte passou a extrapolar níveis de civilidade – policiando-se mais com relação a segurança dos seus atletas – para, desse modo, ser direcionado ao espetáculo protagonizado pela *World Karate Federation* (WKF). É um processo semelhante ao ocorrido no Voleibol, tal como exposto por Marchi-Júnior¹⁷.

Nesse pensamento, há a necessidade de uma reorganização frequente do campo esportivo e de sua intersecção com o subcampo do *Karate* – devido à ampliação da complexidade das relações dos agentes e estruturas. Adequar regras e normas de conduta para atletas e árbitros, bem como estabelecer parâmetros para as categorias dos esportistas, aproximar agentes especializados (gestores, técnicos, jornalistas, médicos, nutricionistas dentre outros), modernizar o espaço e otimizar o tempo tornar-se-ão vez mais frequentes e necessários – principalmente pela exigência de empresas que, na busca por investimentos lucrativos, acabaram por se aproximar desse subcampo em ascensão^{47,52}. Nesse contexto, como pano de fundo para o desenvolvimento do *Karate*, transparece o fenômeno da globalização trazendo diversas implicações estruturais^{*****} – aproximando culturas, promovendo a interdependência mundial, trazendo possibilidades de valorização do sujeito – oportunidades de adquirir bolsa-atleta^{†††††} e/ou uma carreira militar como esportista no Brasil.

O conhecimento das relações existentes no subcampo do *Karate* com os outros campos (jornalístico, empresarial, financeiro, governamental, dentre outros) pode nos ajudar a compreender, por exemplo, como se estrutura o *Karate*, bem como comporta-se como modalidade de ascensão olímpica. Temos de ter a percepção de que os campos se organizam segundo estruturas homólogas nas quais as relações de

^{*****} Segundo Thorpe et al.⁴⁵, “as tradições e as práticas sociais são constantemente examinadas, desafiadas e quase sempre transformadas pela nova informação que brota da crescente interconexão global (p.12)”.

^{†††††} O Bolsa Atleta do Ministério do Esporte atende atletas que tenham obtido bons resultados e sem necessidade de intermediários. Basta que cumpra os requisitos, mantenha-se treinando e competindo e alcance bons resultados nas competições qualificatórias indicadas pelas respectivas confederações. A principal prestação de contas do atleta ao governo e à sociedade é a obtenção de resultados expressivos nas disputas⁶¹.

mercado, comércio e lucros evidenciam-se majoritariamente¹⁷. Nesse pensamento, o *Karate* (tendo a WKF como uma de suas estruturas) relaciona-se com o COI, no qual buscou o reconhecimento fundamental para se tornar olímpico. A modalidade trabalha servindo-o, submetendo-se as exigências pontuais determinadas pelos agentes estabelecidos no campo esportivo. Com isso, o COI torna-se a estrutura, estruturada e estruturante que emerge do campo esportivo^{17,46,52}.

Isso ficou evidente quando ocorreu a escolha do *Karate* como modalidade olímpica em 3 de agosto de 2016 no Rio de Janeiro. No evento encontravam-se presentes a mídia brasileira e estrangeira, dirigentes, gestores, técnicos esportivos, presidentes de federações, representantes de Estado, bem como atletas consagrados no *Karate* mundial. Para poder avançar no sentido da compreensão do processo pelo qual o *Karate* passou, sobretudo nos últimos anos da pré-candidatura, sugere-se a apresentação de estudos que ajudem a refletir sobre possíveis personagens que favoreceram a ascensão do *Karate* como modalidade olímpica no campo esportivo⁵⁰. Caso o campo possua propriedades atuantes, pode-se considerar também um campo de forças⁺⁺⁺⁺⁺.

Na interação apresentada anteriormente entre WKF e COI, também surge a noção de Capital que, nos estudos de Sonoda-Nunes⁴⁶, seriam uma representação de poder sobre um campo. Assim, a posição que um agente ocupa nesse campo pode ser determinada pela distribuição dos capitais que ele ocupa em diferentes campos. Por outro lado, o produto das experiências desses agentes sob a forma de sua formação (familiar, acadêmica, gostos) – o *habitus* – também corrobora para seu sucesso ou insucesso dentro do campo. Nesse pensamento, compreende-se o subcampo do *Karate*, como um “[...] espaço social composto por estruturas e agentes que ocupam posições relativas e que possuem mais ou menos propriedades em comum (capital e *habitus*) na medida em que estão mais próximos ou mais afastados, respectivamente (p. 399)”⁴⁶ – ideia semelhante ao ocorrido nos estudos de Sonoda-Nunes⁴⁶ sobre as relações entre SESI e CSIT. Nesse sentido, constata-se que a aproximação entre as instituições WKF e

+++++ Deve-se considerar também a existência de agentes – representantes dessas instituições – protagonistas das relações e possuidores de capitais. Nesse contexto, o espaço geográfico é demarcado por disputas de poder (baseado em interesses), no qual os agentes se relacionam, concorrem, rivalizam e disputam. Dessa maneira, o campo, bem como aquilo que está em disputa nele, produzem dinheiro, investimentos de tempo, de trabalho entre outros – cada campo possui um objeto específico de disputa e uma história própria⁴⁶.

COI, no subcampo do *Karate*, aumentou significativamente no intervalo de 1970 a 2016, indicando, como consequência, características em comum no que se refere às estratégias e interesses.

Há outros campos que circulam e se comunicam no campo esportivo mencionado como, por exemplo, os patrocinadores ou apoiadores da WKF (Arawaza, Ajinomoto), da CBK (LATAM Airlines); representantes dos meios de comunicação – SportTV, Revista Budo; marcas homologadas de vestuário e acessórios esportivos (Shiroi, Zanshin, M. Bianchi, Kimonos Araújo dentre outras)^{54,55}. Tendo isso em vista, pode-se considerar que tanto a WKF quanto o COI estão imersos no campo esportivo, bem como no campo do *Karate*, possuindo assim particularidades manifestas entre agentes e estruturas que se relacionam. Nesse contexto, pode-se mencionar os agentes existentes nesse subcampo do *Karate*, todavia os que mais atuaram na consolidação do *Karate* Olímpico foram os dirigentes e presidentes das duas estruturas – COI e WKF. Os coadjuvantes, os participantes (atletas, técnicos), os jornalistas, os empresários, dentre outros trouxeram corpo para que o subcampo tivesse representatividade perante às demais modalidades candidatas nos JO¹⁹.

Nesse pensamento, o Movimento Olímpico favoreceu a aproximação de dois campos – esportivo e *Karate* – que articulados com os agentes e as estruturas (principalmente a WKF e COI), resultaram num processo constituído de várias estratégias de mercantilização e espetacularização que estão imersas na lógica do esporte moderno. Tal lógica é comumente utilizada em esportes já consolidados de alto rendimento e especializados.

Sugere-se para pesquisas futuras encaminhadas na mesma perspectiva de aprofundamento sociológico em artes marciais, atenção a como as organizações nacionais e internacionais esportivas de *Karate* se relacionam. Além disso, deve-se verificar e identificar como se estabelecem suas estruturas – gestão, repasse de dinheiro, relação com entidades públicas e privadas dentre outros – investigações que precisam ser encaminhadas para que o subcampo do *Karate* se consolide.

Referências

- 1 McCarthy P. The bible of Karate: Bubishi. Tokyo: Charles E. Tuttle; 1995.
- 2 McCarthy P. Ancient Okinawan martial arts. 1st ed. Tokyo: Tuttle Publishing; 1999.
- 3 McCarthy P. Ancient Okinawan martial arts. 2nd ed. Tokyo: Tuttle Publishing; 1999.

- 4 Camps H, Cerezo S. Estudio técnico comparado de los Katas de Karate. Barcelona: Editorial Alas; 2005.
- 5 Tan KSY. Constructing a Martial Tradition: Rethinking a Popular History of Karate-Dou. *J Sport Soc Issues*. 2004; 28(169):169–92.
- 6 Okinawa P. Wonder Okinawa. 2003 [acesso 4 mar. 2009]. Disponível em: www.wonder-okinawa.jp.
- 7 Correia WR, Franchini E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. *Motriz Rev Educ Fis*. 2010; 16(1):1–9.
- 8 Bull WJ. Aikido o caminho da sabedoria. São Paulo: DAG Gráfica e Editorial Ltda.; 1988.
- 9 Davey HE. Yoga japonesa: O caminho da meditação dinâmica. São Paulo: Pensamento-Cultrix; 2001.
- 10 Gozo S. Aikido Shugyo. São Paulo: Pensamento; 2010.
- 11 Ueshiba M. Budô: Ensinaamentos do fundador do Aikidô. São Paulo: Cultrix; 1991.
- 12 Bourdieu P. O campo científico. In: *Sociologia*. São Paulo: Ática; 1983.
- 13 Bonnewitz P. Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu. Petrópolis: Vozes; 2003.
- 14 Bourdieu P, Wacquant LJD. *Résponses: pour une anthropologie reflexive*. Paris: Seuil; 1992.
- 15 Nakazato J. et al. Okinawa Karate and martial arts with weaponry. 2003 [acesso 4 mar. 2009]. Disponível em: www.wonder-okinawa.jp.
- 16 Lopes-Filho BJP, Monteiro A de O. A simbologia presente nos estilos de Karate-Dô. *Rev Bras Educ Física e Esporte*. 2015; 29(3): 395-407.
- 17 Marchi Jr. W. “Sacando” o voleibol. São Paulo: Editora Unijuí; 2004.
- 18 Pucineli FA. Modernização do Karate: Gichin Funakoshi e as tecnologias políticas do corpo. [dissertação]. Rio Claro (SP): Universidade Estadual Paulista, UNESP; 2017.
- 19 Oliveira MA de; Telles TCB, Barreira CRA. De Okinawa aos Jogos Olímpicos: o Karate. In: Rubio K. (Org.). *Do pós ao Neo Olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI*. São Paulo: Képos; 2019. p. 327–47.
- 20 Lubes A. Caminho do Karatê. Curitiba: Editora UFPR; 1994.
- 21 Bartolo P. Karate-Do, história geral e no Brasil. Santos: Bueno Editora; 2014.
- 22 Oliveira MA de, Nunes RJS. A introdução do Karate Shotokan no estado do Paraná: a perspectiva dos mestres pioneiros (1960-1980). XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Goiânia, 2017.
- 23 Sasaki Y. Karatê-Dô. São Paulo: CEPEUSP; 1995.
- 24 Nakayama M. O melhor do karate 1: visão abrangente, práticas. São Paulo: Cultrix; 1996.
- 25 Stevens J. Três mestres do Budo: Kano (judô), Funakoshi (karatê), Ueshiba (aikido). São Paulo, São Paulo: Cultrix; 2007.
- 26 Miyagui S. Okinawa: história, tradições e lendas. São Paulo: Oliveira Mendes; 1998.
- 27 Horner AG. Norio Haritani - Karate. Londrina: Moriá; 2004.
- 28 Funakoshi G. Os vinte princípios fundamentais do Karatê: o legado espiritual do mestre. São Paulo: Cultrix; 2005.
- 29 Frosi TO. Uma história do karate-do no Rio Grande do Sul: de arte marcial a prática esportiva. [dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2012.

- 30 Barreira CRA. O sentido do Karate-Do: faces históricas, psicológicas e fenomenológicas. Rio de Janeiro: E-papers; 2013.
- 31 Elias N, Dunning E. A busca da excitação. In: Silva MMA (Ed.). *Memória e sociedade*. DIFEL Editorial; 1985.
- 32 Dunning E. *Sociologia do esporte e processos civilizatórios*. São Paulo: Annablume; 2014.
- 33 Guttmann A, Thompson L. *Japanese sports: a history*. Honolulu: University of Hawai'i Press; 2001.
- 34 Johnson NCG. The Japanization of Karate? Placing an intangible cultural practice. *J Contemp Anthropol*. 2012; 3(1):61–78.
- 35 Oliveira MA de. A introdução e difusão do karate shotokan em Curitiba: memórias e processos. [trabalho de conclusão de curso]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; 2015.
- 36 Draeger DF. *Classical Budo*. 2007 [acesso 4 mar. 2009]. Disponível em: <https://books.google.ie/books?id=C6grAAAAYAAJ>.
- 37 Frosi TO, Mazo JZ. Repensando a história do karate contada no Brasil. *Rev Bras Educ Física e Esporte*. 2011; 25(2):297–312.
- 38 Hobsbawm E. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras; 1995.
- 39 Sakurai C. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto; 2011.
- 40 Overman S. *The protestant ethic and the spirit of sport: how calvinism and capitalism shaped America's games*. Macon (USA): Mercer University Press; 2011.
- 41 Campos F de. A política no pódio: episódios de tensões e conflitos nos Jogos Olímpicos da Era Moderna. *Rev USP*. São Paulo; 2016; (108):11–20.
- 42 Rubio K. *Atletas olímpicos brasileiros*. São Paulo: SESI-SP; 2015.
- 43 Rubio K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. *Rev Bras Educ Física e Esporte*. São Paulo. 2010; 24(1):55–68.
- 44 Rusak D. Karate, Baseball and politics: Hybridity and the martial arts in modern Japan. *Undergrad J Anthropol*. 2009; 1:63–71.
- 45 Thorpe C, Yuill C, Hobbs M, Todd M, Tomley S, Weeks M. *O livro da sociologia*. São Paulo: GloboLivros; 2016.
- 46 Sonoda-Nunes RJ. “Sport for All”: as relações entre SESI e CSIT no campo esportivo (1996-2011). [dissertação]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, UFPR; 2012.
- 47 Pimenta TF da F. A constituição de um subcampo do esporte: o caso do taekwondo [dissertação]. Universidade Federal do Paraná; 2007.
- 48 Burke P. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2008.
- 49 Lopes JC. Karatê como esporte de combate Olímpico em 2020 - Medalhista dos Jogos Pan-americanos até 2016. *Rev Científica Multidiscip Núcleo do Conhecimento*. 2018; 4(6): 130–139.
- 50 Oliveira MA de. Artes marciais e esportes de combate à luz da mitologia japonesa. In: Rubio K (Org). *Esporte e Mito*. São Paulo: Editora Laços; 2017. p. 221–37.
- 51 Oliveira MA de, Santos SLC dos. Educação com jogos de oposição: uma análise sobre sua influência na motivação de alunos a virem a praticar lutas/esportes de combate. *Educ Ling*. São Paulo; 2017; 20(2): 95–105.
- 52 Pimenta T, Marchi-Júnior W. A constituição de um subcampo do esporte: O caso do Taekwondo. *Movimento*. 2009; 15(1):193–215.

- 53 Sandall J. O Karate é olímpico! E agora? Blog Karate JKA [Internet]. 2016 [acesso 16 out. 2018]. Disponível em: <http://karatejka.blogspot.com/2016/08/o-karate-e-olimpico-e-agora.html>.
- 54 WKF WKF. Karate 1 - Premier League [Internet]. World Karate Federation (WKF). 2018 [acesso 27 out 2018]. Disponível em: <https://www.wkf.net/karate1-premier>
- 55 CBK CB de K. Organização do Karate Mundial [Internet]. Confederação Brasileira de Karate (CBK). 2018 [acesso 26 out 2018]. Disponível em: <http://www.karatedobrasil.com/histria>
- 56 Ferreira FDC, Nunes RJS, Marchi Jr. W. Da sala de cinema à academia: a influência dos filmes de ação na apropriação dos praticantes de kung fu chinês no Brasil. *EFDeportes.com* [Internet]. 2010;15(151).
- 57 Guttmann A. From ritual to record: the nature of modern sports. New York: Columbia University; 1978.
- 58 Nunes GP. O Bushidô na visão de Nitobe: a construção de uma identidade nacional a partir de um sistema ético. [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2012.
- 59 Liverpool LR of. The knights of Bushido: A short History of Japanese War crimes. London; Pennsylvania: Greenhill Books; Stackpole Books; 2002.
- 60 Costa JPC. De decasségui e emigrante. Brasília, Distrito Federal: Fundação Alexandre de Gusmão; 2007.
- 61 Esporte M do. Bolsa Atleta [Internet]. Ministério do Esporte. 2018 [acesso 1 nov. 2018]. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/sobre.jsp>.